

29 OUT 1963

Gilda Cesario Alvim

Paris — Dois nomes brasileiro, este ano, no Palmarès da Bienal de Paris: que foi inaugurada no dia 27 pelo Ministro André Malraux: Sergio Camargo, a quem foi atribuído um dos dois prêmios de escultura (consistindo de uma bolsa de cinco meses em estada em Paris) e Ana Leticia Quadros que obtve menção honrosa para o seu cenário de *Le Malade Imaginaire* de Molière.

Os prêmios foram atribuídos por um júri internacional, presidido por Jean Cassou, e do qual fazia parte, entre outras pessoas, o escultor Stahly, um dos membros da participação francesa na Bienal de São Paulo.

O escultor Sérgio Camargo, que vive em Paris

há mais de dois anos, apresentou na Bienal três relevos, executados em madeira pintada de branco. Já, na Exposição dos Sete Artistas Brasileiros, que se realizou em maio deste ano na Galerie du XXe. Siècle, Sérgio Camargo havia apresentado apenas relevos, feitos estes com gesso e areia. Passando, temporariamente pelo menos, da escultura ao relevo, tenta Camargo escapar à representação, seja do objeto seja de qualquer forma já existente na natureza. Sua intenção é obter a comunicação direta, no plano espiritual portanto, ou psíquico, através da simples contemplação da obra e da emoção que esta possa causar independentemente de qualquer significação figurativa. É interessante notar-se aliás que, num dos relevos apresentados na Bienal, Sérgio Camargo volta, em parte, à escultura, mas esta é já então inteiramente não figurativa, enquanto que nos seus trabalhos anteriores havia sempre, se não uma inspiração, pelo menos uma sugestão para o espectador, de formas da natureza marinha.

A maquete de Ana Leticia para *Le Malade Imaginaire*, de Molière, é extremamente original pela sua unidade e sobriedade, contrastando pela sua concepção com o que se costuma fazer para esta peça (cenários quase sempre sobrecarregados). Um simples es-

trado, onde há apenas uma poltrona e uma porta (figurada por um arco) serve para toda a ação que se passa no interior. O espaço que fica na frente e à esquerda do estrado representa a rua, sendo que no fundo há uma pequena casa — diante da qual se representa a cena da serenata — e uma torre que serve de contra-ponto à ação que se passa no estrado. Quando se fala de doença, acende-se na janela do alto da torre uma luzinha, evocando a janela do quarto do doente onde se está velando.

Com estas duas recompensas, o Brasil, mais uma vez, faz boa figura nesta Bienal dos Jovens. E isto apesar da decepção que

causamos por não termos finalmente apresentado o prometido trabalho de equipe. Tal qual foi projetado, este teria tido, não tenho dúvida sobre isto, um grande sucesso. Tanto mais que era algo de realizado, enquanto que a maior parte dos trabalhos de equipe, apresentados são desta vez, ou maquetas, ou trabalhos experimentais.

No conjunto, creio que posso dizer sem *parti pris* que a participação brasileira é uma das melhores desta Bienal — uma das mais sérias. A seleção dos trabalhos foi feita, no Brasil, por iniciativa do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, pelo crítico Flávio de Aquino. A esta seleção acres-

centam-se alguns nomes de artistas residentes em Paris. A colocação e arranjo das obras foram feitas, como sempre, pelo arquiteto da Bienal, Pierre Faucheux, que, mais uma vez, nos atribuiu um excelente local.

Participaram, na seção de Artes Plásticas: Sérgio Camargo, Sérvulo Esmeraldo (que apresentou desta vez afrescos, em vez de gravuras), Ivã de Freitas, Gastão Manuel Henrique, Tomás Ianelli e Jackson Ribeiro. Na seção de Gravura — conjunto internacional — estão presentes, com três gravuras cada um, Newton Cavalcanti, Roberto de Lamônica, Rossini Perez, Ana Leticia Quadros e Silvan Samico. Na Deco-

ração Teatral, enfim, na qual foram apresentadas maquetas de Henrique IV, de Pirandello, e *Le Malade Imaginaire*, de Molière, estamos representados por Ana Leticia Quadros e Beatrice Tanaka, sendo que a primeira apresentou apenas um cenário.

Nas outras seções, bastante desenvolvidas este ano, de Composição Musical, Teatro e Filmes sobre Arte, infelizmente não participamos. Mas, desde já, os organizadores da Bienal, pensando na próxima, pedem-nos com insistência que não deixemos de comparecer então a todas as seções.

É o caso de irmos desde já pensando nisso.